

DIZER SIM

Griselda Gambaro

**Estreada durante a temporada do Teatro Aberto 1981,
no Teatro del Picadero de Buenos Eires.**

ELENCO:

HOMEMJorge Petraglia
BARBEIROLeal Rey

Assistente de direção: Horacio Rainelly
Cenografia e direção: Jorge Petraglia

Interior de uma barbearia. Uma janela e uma porta de entrada. Uma poltrona giratória de barbeiro, uma cadeira, uma mesinha com tesouras, pentes, utensílios para barba. Um pano branco, grande, e uns trapos sujos. No chão, dois tachos, um grande, outro pequeno, com tampa. Uma vassoura e uma pá. Um espelho móvel, de pé. No chão, aos pés da poltrona, grande quantidade de cabelo cortado. O Barbeiro espera seu último cliente do dia, enquanto folheia uma revista, sentado na poltrona. É um homem grande, taciturno, de gestos lentos. Tem o olhar carregado, inescrutável. Não saber o que há por trás desse olhar é desconcertante. Não levanta nunca a voz, que é triste e arrastada. Entra o Homem. Seu aspecto é muito tímido e inseguro.

HOMEM: Boa Tarde.

BARBEIRO (depois de levantar os olhos da revista e olhar o recém-chegado por um momento): —Tarde... (Não se move.)

O Homem tenta um sorriso, que não obtém a menor resposta. Olha furtivamente seu relógio. Espera. O Barbeiro joga a revista sobre a mesa, levanta-se com fúria contida. Em lugar de se ocupar do cliente, aproxima-se da janela, dando-lhe as costas, e olha para fora.

Homem (conciliador): O tempo fechou. (Espera.) Faz calor. (Afrouxa o nó da gravata, ligeiramente nervoso, enquanto o Barbeiro se volta e o olha, seco.) Não tanto... (Sem se aproximar)

mar, estira o pescoço até a janela.) Está abrindo. Hum... me enganei. (O Barbeiro olha-o, inescrutável, imóvel.) Queria... (Uma pausa. Leva a mão à cabeça com um gesto desanimado.) Se... se não é muito tarde...

O Barbeiro olha-o sem responder. Em seguida lhe dá as costas e olha outra vez pela janela.

HOMEM (ansioso): Fechou?

BARBEIRO (depois de um segundo, imóvel, volta-se bruscamente): Barba?

HOMEM (rápido): Não, barba não.

Olhar inescrutável do Barbeiro.

HOMEM: Bem... não sei. Eu me barbeio... sozinho. (Silêncio) Não é muito cômodo, mas... Bom, poderia ser a barba. Sim, sim, a barba também. (Aproxima-se da poltrona e põe o pé no descanso. Olha o Barbeiro, esperando um convite para sentar-se. Leve gesto obscuro do Barbeiro. O Homem não se atreve a sentar. Tira o pé. Toca a poltrona, timidamente.) É forte esta cadeira, sólida. De... madeira. Antiga.

O Barbeiro não responde, inclina a cabeça e olha fixamente o assento da cadeira. O Homem segue seu olhar, vê cabelos cortados sobre o assento. Impulsivamente limpa-os, retendo-os nas mãos. Olha para o chão.

HOMEM: Posso?

O Barbeiro nega lentamente com a cabeça.

HOMEM (conciliador): Claro, é uma porcaria. (Percebe que o chão está cheio de cabelos cortados. Sorri, confuso. Olha os cabelos em sua mão, o chão, opta por guardar os cabelos no bolso. O Barbeiro sorri instantânea e bruscamente, e o Homem parece aliviado.) Bem, cabelo... e barba... sim, barba...

O Barbeiro, que cortou o sorriso de repente, examina a poltrona. Homem o imita e, impulsivamente, toma um dos trapos sujos e limpa o assento. O Barbeiro se inclina e observa o encosto. Homem o olha e acompanha a direção do olhar. Com outro rapt, impulsivo, limpa o encosto, contente.

HOMEM: Já está. Eu não me incomodo... (O Barbeiro olha-o, deixando-o desconcertado.) Uma mãozinha... Não custa nada, não? Hoje sou eu, amanhã é você. Com todo o respeito! É um ditado... é como dizem. (Silêncio) Você... deve estar cansado. Muitos clientes?

BARBEIRO (lacônico): Bastante.

HOMEM (tímido): Hum... me sento? (Olhar do Barbeiro.) Bom, não é necessário. Talvez você esteja muito cansado. Eu, quando estou cansado... fico num mau humor... Mas como a barbearia estava aberta, pensei... Estava aberta, não?

BARBEIRO: Aberta.

HOMEM (animado): Posso sentar?

O Barbeiro nega com a cabeça, lentamente.

HOMEM: Em definitivo, não é necessário... Talvez você corte de pé. Eu, gosto do churrasco de pé. Não é a mesma coisa, claro, mas a gente fica mais firme. Se se tem boas pernas! (Ri. Interrompe.) Não todos... Você, sim!

O Barbeiro não participa. Observa fixamente o chão, como à espera de uma atitude determinada. O Homem percebe rapidamente a alusão. Pega a vassoura e varre. Amontoa os cabelos cortados. Olha para o Barbeiro, contente. O Barbeiro volta a cabeça na direção da pá, fazendo um pequeno sinal com a mão: O Homem reage no mesmo instante. Pega a pá, recolhe o cabelo do chão, ajudando com a mão. Sopra, para varrer os últimos, mas esparrama os da pá. Atrapalhado, olha em volta, vê os tachos, abre o maior.

HOMEM (contente): Jogo aqui? (O Barbeiro nega com a cabeça, e o Homem abre o menor.) Aqui? (O outro assente, e o Homem se anima.) Pronto. (Dá um sorriso largo.) Já está. Mais limpo. Porque, se se amontoa, é uma bagunça. (O Barbeiro o olha, obscuro. Homem perde a segurança.) Nããã... Não quis dizer que estivesse bagunçado. Tanto cliente, tanto cabelo. Tanto corte de cabelo, e há também os pêlos de barba, e se mistura tudo e... Como cresce o cabelo! Hein? Melhor pra você! (Dá uma risada estúpida.) É, acho que sim, não é? Se fôssemos todos carecas, você viveria de quê? (Interrompe-se rapidamente.) Não quis dizer isso, teria outro trabalho.

BARBEIRO (*neutro*): Poderia ser médico.

HOMEM (*aliviado*): Ah! Você gostaria de ser médico? Operar, curar. É pena que a gente morra, não é? (*Risonho.*) Os pacientes dos médicos sempre morrem! Cedo ou tarde... (*Ri e pára. O rosto do Barbeiro está muito sombrio. O Homem se assusta.*) Não, você não deixaria ninguém morrer! Teria clientes, pacientes, de muita idade. (*Olhar inescrutável do Barbeiro.*) Longevos! (*Ele acompanha o olhar.*) Seríamos imortais! Com você como médico, seríamos imortais!

BARBEIRO (*baixo e triste*): Bobagens. (*Aproxima-se do espelho, olha-se. Aproxima-se e se afasta, como se não se visse bem. Olha depois para o Homem, como se esse fosse culpado.*)

HOMEM: Não se vê: (*Impulsivamente, ele toma o trapo que usou para limpar a poltrona e limpa o espelho. O Barbeiro toma o trapo de sua mão e lhe dá um menor.*) Obrigado. (*Limpa com empenho o espelho. Cospa. Esfrega. Olha para o Barbeiro, sorrindo.*) Olhe-se. Estava todo cagado de moscas.

BARBEIRO (*lúgubre*): Moscas?

HOMEM: Não, não. Pó.

Barbeiro (*ainda lúgubre*): Pó?

HOMEM: Não, não. Estava embaçado. Embaçado pelo hálito. (*Rápido.*) Meu! (*Limpa.*) Bom espelho. Os de agora nos deixam com caras de...

BARBEIRO (*funébre*): Marmotas...

HOMEM (*seguro*): Sim, de marmotas! (*O Barbeiro, como se efetuasse uma comprovação, olha-se no espelho, em seguida; para o homem. Homem retifica, velozmente.*) Não a todas! Todos os que são marmotas! Eu, por exemplo. Mais marmota do que sou!

BARBEIRO (*triste e funéreo*): Impossível. (*Olha-se no espelho. Passa a mão pelo rosto, para sentir a barba. Toca os cabelos, que são compridos, estira as mechas.*)

HOMEM: E você, quem corta o seu cabelo? Você? Que problema! Igual ao dentista. Engraçado, não é? (*O Barbeiro o olha. Perde a segurança.*) Abrir a boca e ter de arrancar o próprio dente... Não dá... Ainda que um barbeiro sim, com o espelho... (*Mova os dedos como em tesouras, sobre a nuca.*) Eu já não gosto, meter a cabeça na garganta dos outros, me dá nojo. Não é como o cabelo. Melhor ser barbeiro que dentista. É mais... higiênico. Agora as pessoas já não têm... piolhos. Um pouco de caspa, seborréia. (*O Barbeiro abre as mechas sobre a própria cabeça, olha no espelho como que buscando uma*

comprovação, em seguida para o Homem.) Não, você não. Quê isso! Eu! (*Retifica.*) Eu também não... Comigo pode ficar tranqüilo. (*O Barbeiro se senta na poltrona. Indica os objetos de barba. Homem olha os utensílios e a seguir para o Barbeiro. Recebe a insinuação precisa. Recua.*) Eu... eu não sei. Nunca...

BARBEIRO (*funéreo*): Anime-se. (*Amarra o pano branco no pescoço e espera pacificamente.*)

HOMEM (*decidido*): Diga-me, você faz com todos assim?

BARBEIRO (*muito triste*): O que que eu faço? (*Se afunda na poltrona.*)

HOMEM: É, porque você não tem tantas caras! (*Ri, sem convicção.*) Se um te faz a barba, os outros já... não vão encontrar nada. (*O Barbeiro indica os utensílios.*) Bem, se você quer, por que não? Uma vez, quando eu era pequeno, todos cruzavam um charco, um charco fedido, verde, e eu não quis. Eu não! Disse: Cruzem vocês, idiotas.

BARBEIRO (*triste*): E caiu?

HOMEM: Eu? Não... Me jogaram, porque... (*encolhe os ombros*) não gostaram que eu... não quisesse me arriscar. (*Se anima.*) Então... por que não? Cruzar o charco ou... Além do mais, barbear, bem, não requer tanta habilidade. Até os imbecis se barbeiam! Nenhuma habilidade especial. Tem cada animal que é barbei... (*Interrompe-se. O Barbeiro o olha, tétrico.*) Mas não. É preciso ter pulso, mão firme, olhar penetran... te para ver... os cabelos... Os que encravam, eu tiro com uma pinça. (*O Barbeiro suspira profundamente*) Já vou, já vou! Não seja impaciente. (*Ensaboia-lhe a cara.*) Assim. Nunca vi um tipo tão impaciente como você. Deus me livre! É de arrebentar. (*Percebe o que falou, retifica.*) Não, você é de arrebentar dinamicamente. Arrebentar os outros. Eu, não... Não me incomodo. Compreendo. A ação é o sal da vida, e a vida é a ação e... (*A mão lhe treme, mete o pincel ensaboadado na boca do Barbeiro. Este, lentamente, pega uma extremidade do pano e se limpa.*) Desculpe. Aproxima a navalha do rosto do Barbeiro e pára. Observa a navalha, que é velha e oxidada. Com um fio de voz.) Está melada.

BARBEIRO (*lúgubre*): Impecável.

HOMEM: Impecável. (*Numa explosão, desesperado.*) Velha, enferrujada e sem fio, mas impecável! (*Ri, histórico.*) Não diga mais nada! Acredito. Não vai me afirmar uma coisa por outra. Que interesse teria, não é? A cara é sua. (*Bruscamente.*)

Não tem uma correia, uma pedra de amolar? (*O Barbeiro bufa tristemente, o Homem desanimado.*) Uma... faca? (*Gesto de afiar.*) Bom, tenho meu caráter e... adiante! Me fazem assim... (*gesto de empurrar com um dedo*) e eu já! Vão! (*Passa a navalha no rosto do Barbeiro. Se detém.*) O cortei? (*O Barbeiro nega lugubrememente com a cabeça. O Homem, animado, continua a trabalhar.*) Ai! *Seca-o apressadamente com o pano.*) Não se assuste. (*Desorientado.*) Sangue! Não, um arranhão! Sou... muito nervoso. Eu uso uma casquinha de cebola. Tem... cebolas? (*O Barbeiro o olha, sombrio*) Espere! (*Busca ansiosamente nos bolsos. Contento, tira um band-aid.*) Eu... trago sempre comigo. Acaso me doam os pés, caminho muito, com o calor... uma bolha aqui, e outra... lá. (*Coloca o curativo.*) Perfeito! Nem que fosse um profissional! (*O Barbeiro tira o resto de sabão do rosto, dá a barba por concluída. Sem se levantar da poltrona, adianta o rosto até o espelho, olha-se, arranca o curativo e o atira no chão. O Homem o recolhe, trata de esticá-lo e o guarda no bolso.*) Está quase novo... ainda serve para outra... barba...

BARBEIRO (*apontando para um vidro, a voz mortuária*): Colônia.

HOMEM: Ah, sim, colônia! (*Destampa o vidro, aspira.*) Que fragrância! (*Se sufoca com o cheiro nauseabundo. Com repugnância, verte um pouco de colônia nas mãos e passa-as pelo rosto do Barbeiro. Sacode as mãos para afastar o cheiro: Aproxima uma mão do nariz para comprovar se desapareceu, afasta-a rapidamente com ânsia de vômito.*)

BARBEIRO (*pegando uma mecha de cabelo, a voz apagada*): Cabelo.

HOMEM: O cabelo também? Eu... eu não sei. Isso sim que não.

BARBEIRO: Cabelo.

HOMEM: Olhe, senhor. Eu vim aqui para cortar o cabelo. Eu vim para cortar o cabelo! Nunca enfrentei uma situação assim... tão extraordinária. Insólita... Mas se o senhor quer... eu... (*toma a tesoura, olha-a com repugnância.*) eu... sou homem decidido... para o que der e vier. Tudo! Porque... minha mãe me ensinou que... a vida...

BARBEIRO (*tétrico*): Conversa. (*Suspira.*) Por que não se concentra?

HOMEM: Para quê? E quem me proíbe de falar? (*Agita a tesoura.*) Quem se atreve? Quem, vamos ver, quem?! (*Olhar sombrio do Barbeiro.*) Tenho de calar a boca? Como quiser. O

senhor! O senhor será o responsável! Não me acuse se... Não há nada de que não me sinta capaz!

BARBEIRO: Cabelo.

HOMEM: (*terno e persuasivo*): Por favor, o cabelo não, melhor não se meter com o cabelo... Para quê? Está bonito assim, comprido... moderno. Se usa...

BARBEIRO (*lúgubre e irredutível*): Cabelo.

HOMEM: Ah, é? Cabelo? Então vamos! Você é duro na queda, hein? (*Indica a própria cabeça.*) Tenho uma pedra aqui. (*Ri como um condenado à morte.*) Não é fácil me convencer! Não, senhor! Os que tentaram... nem lhe conto. Pra quê? E quando quero alguma coisa, ninguém me tira do caminho. Ninguém! E eu lhe garanto que... Não há nada que me divirta tanto quanto... cortar cabelo! Me... fascina. (*Com animação, bruscamente.*) Tenho uma bolha na mão! Não posso cortá-lo! (*Larga a tesoura, contente.*) Me dói.

BARBEIRO: Ca-be-lo.

HOMEM (*empunhando a tesoura, vencido*): Você manda.

BARBEIRO: Cante.

HOMEM: Que eu cante? (*Ri estupidamente.*) Isso sim que não... Nunca! (*O Barbeiro se levanta a meio corpo no assento, olha-o. Homem, com um fio de voz.*) Cantar o quê? (*Como resposta, o Barbeiro encolhe os ombros tristemente. Reclina-se de novo no assento. O Homem canta com um fio de voz.*) Fígaro... Fígaro... quá, figaro lá!... (*Começa a cortar o cabelo do outro.*)

BARBEIRO (*voz apagada, fatigado*): Cante melhor. Não gosto.

HOMEM (*aumentando o volume*): Fígaro, Fígaro! (*Dá uma tremenda desafinada.*) Fígaro...

BARBEIRO: Cale-se.

HOMEM: Você manda. O cliente sempre manda! Ainda que... o cliente seja... (*olhar do Barbeiro.*) é você... (*Corta tudo errado, quer consertar, mas enrola-se, cada vez mais nervoso.*) Se não canto, me concentro... melhor. (*Entre dentes.*) Só penso nisso: em cortar (*corta*) e... (*com ódio*) lá vai esta! (*Corta uma grande mecha. Se assusta com o que fez. Recua uns passos, com a mecha na mão. Quer grudá-la de volta na cabeça do Barbeiro. Molha a mecha com saliva. Insiste. Não consegue. Sorri falsamente.*) Não, não, não. Não se assuste. Cortei uma mechinha comprida, mas... não aconteceu nada! Cabelo é minha especialidade. Já, já eu rebaixo e igualo. (*Disfarçadamente deixa cair a mecha no chão e afasta-a com o pé. Corta.*)

Muito bem! *(O Barbeiro se olha no espelho.)* Cabecinha baixa! *(Quer baixar-lhe a cabeça, o Barbeiro a levanta.)* Não quer? Ora, veja, que teimoso... O espelho está embaçado, hein? *(Tenta embaçá-lo com o bafô.)* Não acredite no que ele mostra. *(Olha o Barbeiro, seu ar risonho se petrifica, mas insiste.)* Quando as garotas o virem... dirão: Quem terá cortado o cabelo deste senhor? *(Corta ligeiramente, por cima, sem convicção.)* Um barbeiro... francês... *(Desolado.)* Que nada... Fui eu...

BARBEIRO *(levantando a mão lentamente, triste):* É suficiente. *(Vai se aproximando do espelho e percebe quão ridículo está, mas não revela nenhuma fúria.)*

HOMEM: Posso continuar. *(O Barbeiro continua se olhando.)* Me dê outra oportunidade! Não acabei! Rebaixo um pouco aqui... e as costeletas. Faltam as costeletas! E o bigode. Não tem? Por que não deixa o bigode? Eu também deixo o bigode e, assim, como irmãos! *(Ri com angústia. O Barbeiro achata o cabelo sobre a fonte. Homem se reanima.)* Sim, sim, assentado lhe fica bem, perfeito. Eu gosto. *(O Barbeiro se levanta da poltrona. Homem recua.)* Foi... uma experiência interessante. Quanto lhe devo? Não, você é que me deve, não? Bom, normalmente... Também, não é uma situação anormal. É... divertida. Isso: divertida. *(Desorientado)* Ha-ha-ha! *(Humilde.)* Não, não é tão divertido assim. Gostou... gostou como lhe... cortei? *(O Barbeiro olha-o, inescrutável.)* Por ser a primeira vez... *(O Barbeiro estira as mechas da nuca.)* Poderíamos ser sócios... Não, não! Não quero me meter nos seus negócios! Eu sei que tem muitos clientes, não pense que quero roubá-los! São todos seus! Lhe pertencem! Todo cabelinho que anda por aí é seu! Não pense mal. Poderia trabalhar de graça. Eu! Por favor! *(Quase chorando.)* Eu disse que não sabia! Você me obrigou! Não posso negar quando me pedem as coisas... com jeito. E que importa? Não lhe cortei um braço! Se eu tivesse lhe cortado o braço, poderia se queixar. Sem uma perna! Mas um cabelo? Que bobo! Não! Bobo, não! O cabelo cresce! Numa semana, você ... puf!... até o chão! *(O Barbeiro lhe indica a poltrona. O Homem recebe a mensagem incrédulo, os olhos se iluminam.)* Agora sou eu? *(Olha para trás, procurando alguém.)* Está bem, está bem! Afinal, nos entendemos! É só ter paciência, que tudo chega! *(Senta-se, feliz.)* Barba e cabelo! *(O Barbeiro lhe prende o pano no pescoço. Faz girar a poltrona. Pega a navalha, sorri. O Homem levanta a cabeça.)* Corte bastante. Curtinho.

O Barbeiro enterra a navalha nele. Um grande alarido. Gira de novo a poltrona. O pano branco está empapado de sangue, que escorre até o chão. Pega o pano menor e seca com delicadeza. Suspira, longa e bondosamente, cansado. Toma a revista e se senta. Leva a mão à cabeça, puxa o cabelo, e o que tira é uma peruca. Jogá-a sobre o Homem. Abre a revista e começa a assobiar docemente.